



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

A PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL COMO MAIS UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA GARANTIA DOS DIREITOS DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

Bárbara Kintschner¹
Cássia Coitinho²
José Carlos Ames³

Resumo

O trabalho com psicomotricidade relacional em nossa Rede de Ensino, iniciou com professores pioneiros, na década de 90, que levaram a prática para algumas escolas. A Secretaria Municipal de Educação nos últimos anos, vem incentivando e oferecendo formações sobre o assunto, o que levou esta metodologia pedagógica para um número maior de professores, chegando assim em mais espaços escolares. Durante as vivências da prática de psicomotricidade em nossa escola, e o trabalho desenvolvido de forma conjunta, entre a professora referência, o professor especialista e a professora de apoio, começou-se a dialogar e perceber as ações das crianças e suas aprendizagens durante e após as sessões, o que nos moveu a pesquisar e investigar sobre, pois percebemos que além das crianças, nós como professores fomos nos movendo e mudando também nossa prática fora das sessões. Com o processo de criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que ocorreu em 2017, foram documentados os direitos de aprendizagem para as crianças bem pequenas e pequenas, e que a partir de então começou a embasar nossa prática, na busca desta garantia. Em nossas conversas enquanto tríade de professores após as sessões e também a partir dos registros produzidos, começamos a observar e perceber que muitos dos direitos de aprendizagens trazidos na BNCC estavam e estão presentes durante as sessões de cunho educativo da psicomotricidade relacional. O brincar, o explorar, o expressar-se e o conviver, são alguns dos direitos que ficam visíveis, ao nos debruçarmos durante nossas observações e investigações, bem como nas falas das crianças e nos observáveis. Assim sendo, acreditamos que a Psicomotricidade de cunho educativo é mais uma prática pedagógica que garante os direitos de aprendizagem das crianças.

¹ Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, e-mail barbarakintschner@edu.nh.rs.gov.br, lotada na EMEI Pequeno Polegar.

² Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, e-mail cassiacoitinha@edu.nh.rs.gov.br, lotada na EMEI Pequeno Polegar.

³ Professor da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, e-mail joseames@edu.nh.rs.gov.br, lotada na EMEI Pequeno Polegar.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

Palavras-chave: Crianças; Psicomotricidade Relacional; Direitos de aprendizagem; Vocabulário Psicomotriz.

INTRODUÇÃO

Este artigo ocupa-se em apresentar a prática da psicomotricidade relacional na Emei Pequeno Polegar, pensada através de uma parceria entre os autores e a equipe diretiva da escola, bem como as observações do que foi vivenciado pelas crianças e professores durante as sessões.

Acreditamos que a escola é feita para as crianças, enfatizando seu protagonismo, entendendo-as como seres potentes, capazes, que estão se constituindo emocionalmente, psiquicamente, motoramente e socialmente, consigo, com os materiais e com o outro, é honrar e acreditar nas infâncias. É importante entendermos a criança como “una” e nos colocarmos como o adulto que acolhe, escuta e contribui com essa constituição.

Além disso, a organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil compreende o brincar e o movimento como algo característico das crianças e que contribuem para o seu desenvolvimento. Nesta perspectiva a proposta da psicomotricidade relacional de cunho educativo, torna-se mais uma possibilidade que contribui na garantia dos direitos de aprendizagem das crianças de: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se.

As sessões de psicomotricidade relacional, em nossa escola, foram inseridas, primeiramente, na rotina semanal da faixa etária de 3 anos, nas terças-feiras pela manhã. Compõe este grupo, as crianças que estão no presencial, sendo elas: Júlia Carolina Vieira, Laura Eich Reichert, Laura Varotto Moreira e Pedro Henrique Souza Besonim. Participam das sessões junto com as crianças, a professora referência da turma (Cássia Coitinho) responsável por registrar através de fotos, vídeos, observações as ações das crianças durante a sessão, o professor especialista em psicomotricidade relacional (José Carlos Ames) e uma professora de “apoio” (Bárbara Kintschner), estes últimos envolvidos



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

e participantes da sessão. Cabe destacar que, para esta organização, tem sido necessário o envolvimento da Equipe Diretiva da escola, que acredita nesta prática e dá o apoio necessário para que a sessão aconteça semanalmente com a presença dos três profissionais.

A PSICOMOTRICIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

A psicomotricidade vem se constituindo desde o início do século XX, com os estudos da neuropediatria infantil do doutor Dupré como uma das principais referências nesta área, ao utilizar pela primeira vez o termo Psicomotricidade em seus estudos sobre síndrome da debilidade motriz e síndrome da debilidade mental. Destes tempos para cá, podemos afirmar que, segundo a autora Adelina Lobo (2002), a psicomotricidade se constitui em três vertentes, sendo elas : Reeducação, Terapia psicomotora e Educação. O Dr. Airton Negrine (2002) , reforça estes termos de uma outra forma, afirmando que este campo de conhecimento é representado por dois eixos: a psicomotricidade funcional e a psicomotricidade relacional. Ambos utilizam a via corporal para os processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança.

Dentre estas concepções da psicomotricidade é importante neste momento afirmar que optamos pela ênfase na psicomotricidade de cunho educativo. Entendemos que esta vertente contribui para os avanços do processo evolutivo da criança nas infâncias. Segundo a autora, Adelina (2002, p. 140): “O avanço dos processos evolutivos deve ser entendido como a maturação neurológica numa ampla dimensão das aprendizagens (verbal, mímica, gestual e motora)”.

Nesta perspectiva da psicomotricidade relacional, de cunho educativo, tem como pressuposto uma metodologia a ser seguida, durante suas sessões, e que vem caracterizar estas vivências como um ato pedagógico. Faz-se importante afirmar que os estudos que estamos teorizando e vivenciando, no âmbito escolar, têm ênfase nos estudos do Professor Doutor Airton Negrine, o qual trouxe esta metodologia para o Brasil.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

Nas escolas de Novo Hamburgo, esta prática vem sendo realizada há mais de trinta anos, por professores que se identificavam com a proposta de Negrine, ações essas que fizeram com que há cerca de 12 anos, a Secretaria de Educação, estimulasse em diferentes momentos esta prática, através da promoção de formações referentes ao tema.

Esta prática é constituída por ritos de passagem, para crianças que frequentam a creche e a Educação Infantil, seguindo uma rotina sistemática e semanal. Estes ritos, ocorreram em três etapas diferentes e constituem a estrutura da sessão de psicomotricidade, sendo eles: o ritual de entrada, as vivências corporais e o ritual de saída.

Esta proposta de ritos de passagem que Negrine propõe em seus estudos e que estamos praticando em nossas sessões, pressupõe estratégias de intervenção pelo professor, que consideramos como um mediador, nos diferentes processos desta prática. Com o olhar atento a estes momentos, com os registros (escritos, fotográficos, áudios e vídeos) sendo produzidos constantemente e revisitados, estamos constatando o que a BNCC nos traz em seus aportes teóricos denominados Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento e constatando com as vivências, a aquisição dos conhecimentos das crianças no espaço das sessões de psicomotricidade.

Ao trabalharmos com a psicomotricidade relacional na educação infantil, promovemos um espaço para que as crianças de forma global, desenvolvam suas potencialidades intelectuais, afetivas, sociais e motoras.

Aprofundamos mais nossos olhares sobre as práticas pedagógicas brasileiras e, ao ler o artigo 9º das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI) “que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira.” (DCNEI, 2009) fomos debatendo e investigando.

Além disso, entendemos que a interação com o meio, ou seja, o ambiente, também é importante e precisa ser planejado, por isso, em nossa prática foi necessário uma sala referência para o desenvolvimento das sessões, proporcionado com que a criança criasse



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

relação com o mesmo, segurança e memória sobre o que é vivenciado durante a brincadeira.

A SESSÃO PROPRIAMENTE DITA: ACOLHIMENTO, O ESPAÇO, OS MATERIAIS E OS RITOS.

Anterior ao início da sessão adotamos a prática do acolhimento, fator este que entendemos como um orientador das nossa prática enquanto professores de educação infantil, que deve ocorrer através da escuta atenta às crianças. Sendo assim os professores José e Bárbara, vão ao encontro das crianças na sala referência da turma, para conversar, relembrar e deslocar-se juntos até a sala referência já organizada para o início da sessão. Para o nosso deslocamento, que ocorre através de um grande corredor, trazemos uma canção de roda, possibilitando a expressão corporal durante o deslocamento, o cantar e a marcação através de palmas ou de objetos que produzem sons como o chocalho e o porongo.

Ao chegarmos na sala referência da sessão, damos início a sessão propriamente dita, realizando o ritual que determina o início da mesma, que segundo Negrine, deve ocorrer preferencialmente no mesmo lugar, que é estabelecido previamente. É neste momento, onde os professores e as crianças sentam-se de forma que possam se ver e estabelecer as “regras”, ou seja o que é permitido e o que não é permitido fazer durante o brincar. Em nossa prática, este momento ocorre no tapete colorido, disponibilizado no meio da sala. Posterior ao ritual de entrada, dá-se início às brincadeiras, e no final é realizado o rito de saída, onde as crianças e os professores retornam para o mesmo lugar do rito de entrada, para mais um momento de diálogo sobre as vivências durante o brincar.

Durante o planejamento das sessões fez-se necessário pensar os materiais para o espaço das construções e representações gráficas e plásticas, e também nos locais em que as crianças pudessem exercitar e jogar . Cabe destacar que quando planejamos a



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

organização dos materiais de construção e representação gráficas e plásticas, é necessário delimitar o local para esta brincadeira, pois possibilita um espaço de expressão e ao mesmo tempo minimiza os conflitos de interesse.

Em nosso contexto, decidimos utilizar como material de construção os blocos de madeira (de diferentes tamanhos, formas, pesos...) para a criança se exteriorizar, já que em nossa escola há este material disponível. Há diferentes possibilidades de materiais para este espaço como : cones de papelão, rolos de papel, cones de linha, taquaras, ou seja materiais não estruturados que possibilitem o construir. No caso das representações gráficas e plásticas, podem-se utilizar materiais que possibilitem esse expressar-se através do desenho, da pintura, da modelagem, entre outros.

Já na organização do local para exercitar-se e jogar, espaço este que deve ser mais amplo, a criança tem a possibilidade de desenvolver suas habilidades motoras e suas vivências simbólicas, na relação com o outro, com os materiais e consigo, que ampliarão o desenvolvimento de seu vocabulário psicomotriz.

A expressão vocabulário psicomotriz é utilizado por Negrine (2012, p. 21) para se referir “a todas as habilidades, os atos e os gestos motrizes adquiridos, com ou sem a manipulação de objetos.”

Em nossa sessões organizamos o espaço referência, **com sinalizações** e com os seguintes brinquedos:

Um espaço para salto: constituído de um baú (onde guardamos as camas das crianças), uma cadeira infantil e diversos colchonetes. O baú e a cadeira, optamos por criar uma sinalização nas bordas com uma fita adesiva das cores amarela e preta, com a intenção de alertar os devidos cuidados de segurança.

Panos: tecidos de diferentes tamanhos, cores, texturas.

Tubo/Cilindro: material que pode ser usado para: entrar, rolar ao estar dentro, rolar por cima. Constituído de “papelão” com bordas em alumínio.

Pneus: de diferentes tamanhos, peso e cor. Este brinquedo tem uma característica especial em nossas sessões, pois foi colocado nela, devido às observações feitas durante



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

as brincadeiras no pátio, onde crianças de diferentes faixas etárias colocavam-se a explorar este material.

Mesa (infantil): onde é possibilitado a criação de casas, cavernas, túneis, cabanas, de acordo com o imaginário e as vivências das crianças.

Túnel: material alternativo, para fazer intervenções no início da sessão, no final da sessão ou durante a sessão, onde a criança possa vivenciar e desenvolver o engatinhar e sua criatividade, dentro das brincadeiras.

Peças de espuma: são blocos feitos com corino e espuma, de diferentes tamanhos, formatos, pesos, cores, que garantem segurança para construir e destruir, dentro dos combinados estabelecidos na sessão.

Espaço com acessórios: um cavalete com cabides, onde ficam disponíveis acessórios como: bolsas, carteiras, chapéus, tule e mantas. E que podem ser acrescentadas roupas de adulto masculinas e femininas.

Espelho: já compunha o espaço e se faz importantíssimo para a constituição da imagem e esquema corporal da criança.

Tapete: também já compunha o espaço e é utilizado como local pré estabelecido para os momentos de ritos iniciais e ritos finais das sessões. Este espaço pode ser constituído de outros materiais, como almofadas por exemplo.

Cabe aqui destacar os ritos de entrada e saída que são pontos específicos e importantes da sessão e que ocorrem respectivamente antes e após o brincar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Enquanto profissionais, sabíamos que a Psicomotricidade Relacional é uma metodologia que potencializa o desenvolvimento psicomotor, social e cognitivo na relação com o outro, consigo e com os materiais, de cada criança. Porém, no decorrer de nossas conversas após a realização das sessões, olhando para os observáveis produzidos, bem



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

como para algumas falas das crianças, começamos a perceber que as vivências das sessões aproximavam-se muito aos direitos de aprendizagens trazidos pela BNCC.

Algo que é fundamental nas sessões de psicomotricidade e que faz parte de sua estrutura, são os momentos onde a criança expressa-se e dialoga com os pares e professores sobre o que será e o que foi vivenciado naquele encontro. É nestes momentos, de ritual de entrada e de saída, que os professores investigam as brincadeiras, incentivando a criança a projetar a suas ações, perguntam e valorizam aquilo que foi vivenciado, trazem à memória o que já foi feito e realizam as combinações de convivência, sem julgamento de mérito. Em um destes momentos, no ritual de entrada, Melissa chega à sessão dizendo estar feliz. A professora Bárbara colocasse no diálogo com a criança, perguntando o que ela havia dito. Melissa então, expressa-se através de gestos e palavras, colocando a máscara para baixo e movimentando os dedos como se desenha-se o sorriso nos lábios e diz: “-Olha, eu estou muito feliz!”.

Estes momentos de expressão e comunicação, acontecem de forma dinâmica e são confirmados nos ritos, como por exemplo, em uma brincadeira com o tubo, onde Laura R. quer entrar no mesmo junto com a Melissa para suas explorações, porém não queria afirma, segundo sua verbalização, ficar no fundo do tubo, por ter medo do escuro. No final da sessão, quando trouxe a memória a brincadeira, Laura repete a fala, sobre o fundo do tubo ser escuro e a frente ser mais clara.

Nas primeiras sessões, vimos que a exploração se fazia presente, ao interagirem com diferentes materiais, por um período de tempo menor, ou seja, as crianças procuravam os brinquedos, os exploravam, manipulavam e seguiam em busca de outro interesse. Por exemplo, quando escolhiam subir na cadeira, após na mesa e saltar, repetiam esse movimento por um curto período, buscando em seguida outro objeto para a sua exploração, como por exemplo o tubo. Esta liberdade de escolha dentro das vivências corporais é de suma importância, pois estamos respeitando a criança e seus desejos.

Com o passar do tempo e a sistematização das sessões semanais começamos a perceber que a exploração que é sempre tão presente, começa a dar lugar para o brincar



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

de forma mais subjetiva, onde traziam histórias do meio em que vivem, para esse momento. Consideramos importante destacar, quando Pedro ao brincar no espaço da construção, solicita auxílio para fazer uma cidade, dessa forma o professor José, colocasse como mediador. Toda vez, que lhe era alcançado uma madeira com forma quadrada ou retangular, Pedro pegava o material com uma das mãos e com a outra passava “algo”, fazendo movimentos de vai e vem, e utilizando-se de sons. O mediador observa que as peças, de outras formas, não eram aceitas por Pedro e então questiona-o sobre o que está “passando” sobre as peças. Pedro responde: “- Cimento!”. Já nas conversas posteriores à sessão, entre os adultos, a professora Cássia relata que o pai dele é pedreiro e que a casa onde moram está passando por reforma. Podemos dizer que Pedro com esta ação, está desenvolvendo sua motricidade fina, mas não é apenas isso, pois é preciso escutar essa criança por inteira, potencializando o desenvolvimento destes saberes.

Esses movimentos brincantes e dialógicos, ocorrem intensamente na convivência durante os encontros, assim como no momento dos conflitos, onde faz-se necessário as interferências pedagógicas dos professores, tendo como princípio as combinações feitas.

O girar dos pneus, as construções e destruições bem como seus desafios, o brincar de casinha e suas fantasias, o esconde-esconde, onde podemos achar e ser achado, o saltar e o cair de diferentes formas, seja parado, seja correndo, caindo de pé, caindo sentada, o ato de receber uma massagem ou dar uma massagem, são intencionalidades pensadas e refletidas a partir do diálogo do adulto, dos registros e que se fazem ações repletas de significado e potentes, pensados para o que temos de mais precioso em nossa escola: a criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a psicomotricidade, deixa visível alguns dos direitos de aprendizagem propostos pela BNCC, proporcionando experiências emocionais,



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais importantes para o desenvolvimento das crianças. Assim sendo, antes de se trabalhar com a educação psicomotora é preciso que o professor tenha o conhecimento de sua importância na educação infantil para que seja realizado um trabalho com qualidade para as crianças, acolhendo-as, ouvindo-as e lembrando que elas são únicas e potentes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: DF, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: DF, 1998.
- LOBO, Adelina Soares. Psicomotricidade: Afinal o que é? In: NEGRINE, Airton. **O corpo na educação infantil**. Caxias do SUI: EDUCS, 2002.
- NEGRINE, Airton. **O corpo na educação infantil**. Caxias do Sul: RS, 2002
- NEGRINE, Airton. Abordagem psicopedagógicas da psicomotricidade. In: FERNANDES, Jorge Manuel de Azevedo; FILHO, Paulo José Gutierrez. **Psicomotricidade - Abordagens emergentes**. Barueri: São Paulo, 2012.
- NOVO HAMBURGO. Secretaria de Municipal de Educação. **Organização da ação pedagógica Educação Infantil: documento orientador, caderno 2**. Novo Hamburgo: RS, 2020.
- STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.